

O SIMBOLISMO DO CENTRO NAS NARRATIVAS MARAVILHOSAS

(NOTAS INTRODUTÓRIAS) *

*Durante toda a vida, tem de se continuar
a aprender a viver e, o que vos espantará
ainda mais, durante toda a vida tem de se
aprender a morrer.*

SÊNECA

Era uma vez um rabino de Cracóvia chamado Eisik que, um dia, teve um sonho que o mandava ir a Praga. Aí, debaixo da ponte que leva ao palácio real, encontraria um tesouro escondido. Como o sonho se repetisse três vezes, o piedoso homem decidiu-se a partir. Uma vez chegado a Praga, deparou-se-lhe a ponte guardada dia e noite por sentinelas. O capitão dos guardas estranhou a sua presença e perguntou-lhe ao que vinha. Com toda a simplicidade, o rabino relatou-lhe o sonho recorrente, tendo o oficial reagido com gargalhadas efusivas. É que ele próprio – que, de modo algum, acreditava em sonhos – ouvira uma voz durante a noite dizendo-lhe que fosse a Cracóvia procurar um tesouro escondido em casa de um rabino cujo nome era Eisik. O tesouro encontrava-se num canto poeirento, enterrado por detrás do fogão. Como pessoa de juízo que era, nem sequer atribuíra ao sonho qualquer valor. Despediu-se o homem piedoso do capitão. Regressou a casa e, ali mesmo, por detrás do fogão, escavando, descobriu o tesouro que pôs fim à sua miséria.

À semelhança de múltiplas narrativas do folclore universal, esta história hassídica relatada pelo indianista Heinrich Zimmer ¹ permite reflectir sobre

* Esta reflexão constitui a parte inicial da análise de alguns *contos de fadas, contos populares e mitos* feita com base na simbólica do *Centro*. A segunda parte será publicada em breve.

¹ A partir dos *Khassidischen Bücher* de Martin Buber.

um dos mitos omnipresentes em todas as tradições e culturas – o mito da demanda, da peregrinação, da viagem, da “quête” – e apreender que, qualquer que seja a deambulação exterior a que o homem se entregue, ela não é mais que um substituto (quantas vezes um sucedâneo!) da verdadeira viagem interior, aquela de que falam todos os *contos, mitos e lendas*, que se encontra reproduzida nas nossas experiências oníricas e nas inúmeras actividades artísticas a que o homem se entrega. Afinal, tal como para Eisik, o rabino de Cracóvia, o verdadeiro tesouro, aquele que põe fim às nossas provações e misérias, nunca se encontra muito longe: quase sempre ele jaz nos recantos mais íntimos e poeirentos da nossa própria casa, ou seja, na interioridade do nosso ser. Descobri-lo não exige a partida para um país longínquo, a menos que isso simbolize o mergulho na imensidade do nosso coração, a descida às profundezas da nossa psique. Aí, sim: o *Centro* que fornece a vida e o calor que orientam a nossa existência, oferece essa viagem ao encontro da voz interior misteriosa que guia toda e qualquer procura.

Nas *narrativas maravilhosas*, tal encontro – do ser com o seu centro, o nó mais íntimo da sua consciência, a conquista da felicidade e harmonia supremas – conhece inúmeras metáforas: a do casamento do príncipe e da princesa, a descoberta de um tesouro perdido pelo filho mais novo do rei, a libertação do reino de um dragão ou gigante, a recuperação – pelo monarca – da saúde perdida após ter ingerido um gole do elixir da longa vida, em suma, todo o simbolismo da procura de um Graal que representa a etapa última e fundamental do encontro com o sagrado interiorizado, o mesmo é dizer, com as raízes mais profundas de cada um de nós².

² “Le Centre” est donc la zone du sacré par excellence, celle de la réalité absolue. Pareillement, tous les autres symboles de réalité absolue (Arbres de Vie et d’Immortalité, Fontaine de Jouvence, etc) se trouvent eux aussi en un Centre. La route menant au centre est une “route difficile” (dũrohana) et cela se vérifie à tous les niveaux du réel: circonvolutions difficiles d’un temple (...); pèlerinage aux lieux saints (...); pérégrinations pleines de dangers des expéditions héroïques de la Toison d’Or, des Pommes d’Or, de l’Herbe de Vie, etc; égarements dans le labyrinthe; difficultés de celui qui cherche le chemin vers le soi, vers le “centre” de son être, etc. Le chemin est ardu, semé de périls, parce qu’il est, en fait, un rite de passage du profane au sacré; de l’éphémère et de l’illusoire à la réalité et à l’éternité; de la mort à la vie; de l’homme à la divinité. L’accès au “centre” équivaut à une consécration, à une initiation; à une existence, hier profane et illusoire, succède maintenant une nouvelle existence, réelle, durable et efficace. In Eliade, *Mircea, Le mythe de l’éternel retour*, Paris, Ed. Idées/Gallimard, 1969, p. 30.

Para Jung e os seus discípulos, tal encontro obedece a um ritual (o processo de individuação)³ que, tendo como protagonista eleito a psique individual (na qual se plasma muito do psiquismo colectivo), conduz esta ao diálogo último com o “Si”, ou seja, a uma exigência de interioridade e intimidade onde se confundem a profundidade do indivíduo e o (re)encontro pleno com as suas origens, com a sua totalidade anímica.

Mas para o homem contemporâneo tal encontro é vivido inúmeras vezes – como desencontro: a nostalgia do paraíso, experimentada outrora como o acesso incondicional a um estado edénico, isento de rupturas e de quedas, enquanto regresso a uma época primeva – a Idade do Ouro –, tempo em que a humanidade não conhecia a morte, em que o homem compreendia a linguagem dos animais e com eles vivia em paz, em que, posta de parte qualquer necessidade de sobrevivência, os seres comungavam com a divindade num estado de beatitude e de pureza inaugurais – vive-se agora na procura desenfreada de viagens exóticas a países longínquos que, num ritmo crescente e frenético, as agências de viagens fornecem “à la carte” a todos nós que, actualmente, confundimos o elixir da imortalidade com a água poluída dos nossos mares e rios.

De uma forma breve e sucinta, iremos pois apresentar, nesta reflexão, algumas considerações em torno de um simbolismo que os homens actuais parecem querer negar ou terão esquecido – o simbolismo do *Centro* – servindo-nos para tal de certos aspectos fundamentais inseridos na psicologia analítica junguiana que teve o privilégio de desenvolver a simbólica do *Centro* enquanto descoberta do “Si-mesmo”, (re)encontro – através de uma estrutura psicológica comum a toda a humanidade – com o estado de unificação do ser, com a fonte dinâmica, princípio e meta de toda a vida psíquica, sede do equilíbrio e da maturidade ontológica do indivíduo.

Da sempiterna procura do *Principio* nos falam as figuras múltiplas que, de um modo enfático e recorrente, abundam em todas as culturas, desde as

³ Na sua obra *La Voie de la transformation* (Paris, La Fontaine de Pierre, 1980), um estudioso de Jung, Etienne Perrot, resume assim o pensamento deste a tal propósito: (...) *franchissement d'une succession de seuils qui ne vise à rien de moins qu'à une transformation de l'être (...) la démarche par laquelle l'individu sort du cadre social, collectif, pour réaliser son destin propre, individuel, dont il est prégnant.* (p. 37). E acrescenta: *Dans la seconde partie de son oeuvre, (...) l'individuation (...) est la réintégration dans l'unité primordiale et ultime, la cessation de la division, des dualités, des oppositions, comme la libération hindoue est nirdvandva (non-dualité), équivalent sémantique d'individuation.* (*ibidem*)

mais primitivas: o círculo, o quadrado, a cruz, a espiral, o labirinto, a mandala, o templo, o jardim... As valências religiosas do *Centro* são pois inseparáveis do espaço e da intimidade. Desde as suas manifestações rituais mais antigas que os homens tiveram sempre um cuidado extremo em fixar um lugar definitivo para nele encerrar um poder superior que nele se manifestava – Mircea Eliade falará das hierofanias, cratofanias e teofanias⁴ – ou que eles desejavam atrair para esse lugar. Tal multiplicidade de “centros”, delimitados no seu espaço quotidiano pelo homem, quer seja no plano cósmico, religioso ou social, leva-nos a compreender que ele, o *Centro*, manifesta assim, sem dúvida alguma, uma realidade psicológica profunda já perseguida pelos cavaleiros da Távola Redonda, na floresta de Brocéliande, antes de chegarem à visão do Cálice sagrado, talhado numa esmeralda e contendo o sangue do Redentor. Em qualquer caso, o *Centro* surge invariavelmente como um campo de poderes e de forças interiores graças aos quais o homem se sente protegido e ao abrigo de influências nefastas e até mesmo demoníacas. Pois é nesse espaço hierofânico, a um tempo núcleo de intimidade e de fortaleza interior, que o indivíduo entrou, desde sempre, em relação com os poderes sobrenaturais: o *Centro* enquanto realidade topográfica ou construção ritual⁵, viu-se antecedido pela sua percepção enquanto núcleo inicial absoluto – *Princípio* – em que irrompem as forças divinas que o homem experimentou, desde os primórdios, como realidade total. Fonte, raiz, germe dessa última realidade, o *Centro* é ao mesmo tempo o ponto mais profundo de cada ser humano, o lugar ideal de (re)encontro consigo mesmo e com o Outro. Lugar de referência ideal para a qual urge voltar, constantemente, como se toda a simbólica do *Centro* se desenvolvesse numa permanente tensão que

⁴ Cf. entre outras obras de Eliade, o *Tratado de História das Religiões* (Porto, Ed. Asa, 1992), sobretudo os capítulos I (*Aproximações: estrutura e morfologia do sagrado*) e o capítulo XIII (*A estrutura dos símbolos*), respectivamente pp. 25/68 e pp. 539/564.

⁵ *Si l'acte de la Création réalise le passage du non-manifesté au manifesté ou, pour parler cosmologie, du Chaos au Cosmos; si la Création dans toute l'étendue de son objet, s'est effectuée à partir d'un "centre"; si, en conséquence, toutes les variétés de l'être, de l'inanimé au vivant, ne sauraient accéder à l'existence que dans une aire sacrée par excellence, alors s'éclairent merveilleusement pour nous le symbolisme des cités sacrées ("centres du monde"), les théories géomantiques qui président à la fondation des villes, les conceptions qui justifient les rites de leur construction, affirmerá Mircea Eliade (opus cit., pp 37/38). E conclui: toute création répète l'acte cosmogonique par excellence: la Création du Monde; en conséquence, tout ce qui est fondé l'est au Centre du Monde, puisque, comme nous savons, la Création elle-même s'est effectuée à partir d'une centre. (ibidem)*

nos obriga a uma escolha que em tudo parece rejeitar um estado de esterilidade e apatia espirituais.

Não admira pois que o simbolismo do *Centro* e a procura do “Si” (do “Self”), etapa derradeira daquilo a que C. G. Jung chamou o “processo de individuação”⁶, confluem em todas as tradições na figura do *herói*⁷ que representa nos *contos*, nos *mitos* e nas *lendas*, e até mesmo no universo onírico, todo aquele que persegue o “Si-mesmo”, o nó mais íntimo da sua consciência, ou seja, a harmonia e a felicidade que dependem apenas do (re)encontro com a totalidade da psique: re-conhecimento, em suma, de que cada ser pode realizar, em si mesmo, esse paradigma do eu individuado, numa dinâmica que exige ao homem a procura de uma secreta unidade. Arquétipo universal, o *mito do herói*, omnipresente desde os tempos mais primitivos até aos tempos actuais, aponta então para o desenvolvimento, no próprio indivíduo, da consciência de si próprio – o conhecimento das suas forças e fraquezas, de forma a poder fazer face às tarefas árduas que qualquer vida supõe⁸.

⁶ Noutra obra sobre os arquétipos e o inconsciente colectivo, Jung sintetiza tal processo: *O consciente e o inconsciente não formam um todo quando um deles é suprimido e prejudicado pelo outro. Se eles têm de lutar, que seja ao menos uma luta justa, com direitos iguais para os dois lados. Ambos são aspectos da vida. A consciência deve defender a sua razão e proteger-se, e à vida caótica do inconsciente também deve ser oferecida a oportunidade de ser atendida – tanto quanto pudermos suportar. Isso significa guerra aberta e colaboração aberta ao mesmo tempo. Evidentemente, é assim que a vida humana deve ser. É o velho jogo do martelo e da bigorna: entre eles, o ferro paciente é forjado num todo indestrutível, um “indivíduo”.* (In *Archetypes and the Collective Unconscious*, pps. 521-523, citado por Whitmont, Edward, *A busca do símbolo. Conceitos básicos de psicologia analítica*, São Paulo, Ed. Cultrix, 1995, p. 234)

⁷ Cf. entre outros, os livros de Campbell, Joseph, *O herói de mil faces* (São Paulo, Cultrix/Pensamento, 1997), de Leeming, David Adams, *Mythology, the voyage of hero* (Oxford University Press, 1988) e Jung, Emma; Von Franz, Marie-Louise, *La légende du Graal* (Paris, Albin Michel, 1988) e o excelente capítulo “Les mythes primitifs et l’homme moderne” escrito por Joseph L. Henderson e incluído em *L’homme et ses symboles. Conçu & réalisé par C. G. Jung*, Paris, Ed. Robert Laffont, 1990, pp. 104-157.

⁸ A propósito do *mito do herói*, um dos mais expandidos e conhecidos (o seu potencial dramático ecoa muito antes da mitologia clássica da Grécia e de Roma e prolonga-se até aos tempos actuais onde se assiste a uma total inversão dos valores da heroicidade), Joseph L. Henderson sublinha: *Sans cesse on entend la même histoire décrivant la naissance miraculeuse, mais obscure du héros, les témoignages précoces de sa force surhumaine, son ascension rapide à la prééminence ou au pouvoir, sa lutte triomphante contre les forces du mal, sa défaillance devant la tentation d’orgueil (hybris) et son sacrifice “héroïque” qui aboutit à sa mort.* (in *L’homme et ses symboles...*, p. 110) E acrescenta: *ce schème a un sens à la fois pour l’individu qui s’efforce de découvrir et d’affirmer sa personnalité, et pour une société tout entière, qui a besoin aussi d’établir son identité collective.* (*ibidem*)

Situar-nos-emos, num momento inicial, na contemporaneidade: e porque não ir ao encontro das reflexões que Mircea Eliade faz, no seu livro *Mitos, sonhos e mistérios*⁹, a propósito do *mito do Paraíso perdido* que, além de sobreviver nas constantes imagens da ilha paradisíaca e da paisagem edénica, nesse querer recuperar, a qualquer custo, o tempo primordial, o “illo tempore” das origens, se reflecte, e hoje com uma força excedentária, na procura desenfreada das viagens exóticas a países longínquos e insulares na esperança de assim realizarmos a felicidade suprema. Numa tentativa desesperada de “sair” do tempo presente, de “quebrar” a homogeneidade temporal, o indivíduo actual quer, a qualquer custo, reiterar a saga mítica do regresso às origens, a reintegração no Paraíso primevo, recuperar o “illud tempus” edénico, bastando para isso – pura ilusão – transformar essa nostalgia da “renovatio”, da regeneração, numa ida e volta, por exemplo, às Polinésias francesas.

Laicizada, degradada, camuflada, a imagem mítica de um tempo e espaço antes da queda é vendida bem cara pelas agências de viagens que propõem, em poucas semanas e até mesmo dias nada mais nada menos do que a experiência do *Centro*¹⁰, nessa sensação fugaz de transcendência pela evasão e pela revisitação falaciosa de um comportamento mitológico: (...) *“para a grande maioria dos indivíduos que não participam numa experiência religiosa autêntica, o comportamento mítico deixa-se decifrar, mais do que na actividade inconsciente das suas psiques (sonhos, fantasias, nostalgias, etc.), nas suas distrações. É o mesmo que dizer que a “Queda no tempo” se confunde com a dessacralização do trabalho e a mecanização da existência que a ela se segue; que ela implica uma perda camuflada da liberdade - a única evasão possível à escala colectiva é a distração”*¹¹.

⁹ Eliade, Mircea – *Mitos, sonhos e mistérios*, Lisboa, Ed. 70/Perspectivas do homem, 1989.

¹⁰ Será interessante sublinhar que, nesta procura desenfreada da experiência e da experimentação do “centro”, o homem actual talvez também participe dessa necessidade de (re)encontrar um dos arquétipos mais poderosos da intimidade, plasmada, neste caso concreto, na primazia concedida a uma infra-estrutura edénica que é, antes de mais, refúgio de contornos ginecológicos e uterinos. Gilbert Durand di-lo-á da seguinte forma: (...) *le centre est nombril, omphalos, du monde. (...) Ce qui sacralise avant tout un lieu c'est sa fermeture: îles au symbolisme amniotique, ou encore forêt dont l'horizon se clôt lui-même. (...) Le lieu sacré est bien une cosmisation, plus large que le microcosme de la demeure, de l'archétype de l'intimité fémininoïde.* In *Les structures anthropologiques de l'imaginaire*, Paris, Ed. Dunod, 1992, p. 281.

¹¹ Eliade, Mircea – *Mitos, sonhos e mistérios...*, pp. 25-26.

É esta distinção radical de regime ontológico entre a vivência do mito pelas tradições e culturas anteriores à nossa e a forma degradada, obscurecida, como as figuras e os eventos mitológicos são vividos na actualidade, que nos leva a ver no mitologema da ilha paradisíaca, das paisagens tropicais, – ao qual se associa, por exemplo, o mito do bom selvagem que os séculos XVI e XVII inventam, numa revalorização, nitidamente laicizada, do mito do Paraíso perdido e dos seus habitantes nos tempos fabulosos da Idade do Ouro – uma tentativa patética de recuperar, para a nossa sociedade, os valores da *Origem*, do *Princípio*, em suma, do *Centro*¹².

As alternativas parecem não existir: ou se vive, de forma efémera e transitória, os arquétipos da inocência, da beatitude espiritual do homem antes da queda, da pureza e da liberdade no seio de uma Natureza maternal e pródiga, fecundada por forças transcendentais que alimentam o Cosmos e que perpetuamente o geram, em bondade, felicidade e perfeição – e assim nos contentamos com as mini-férias nas Bahamas ou nas Seychelles – ou então paramos para pensar o porquê desse consumo desenfreado de viagens e distrações em que a época actual é exímia e que, paradoxalmente, emerge em conjunto com dois sentimentos predominantes, a nível individual e colectivo: a ansiedade e melancolia. É interessante e pungente ver um homem que está cada vez mais longe de si mesmo – tiranizado pelo hedonismo, pelo materialismo, pela desumanização, pela permissividade, pelo consumismo, pela massificação, pelo erotismo “à la carte”, pelo narcisismo e pelo niilismo – ir procurar, cada vez mais, nas praias da Ásia ou Oceânia, nas montanhas dos Andes e dos Himalaias, essa mesma posse de si mesmo, numa derradeira alternativa ao nada, ao vazio, ao desconcerto que acarreta toda a perda de sentido para a Vida.

Adiando a reflexão sobre si mesmo, sobre o que realmente é e quer, incapacitado de elaborar um projecto coerente de vida, *envolvido num ritmo trepidante e, por vezes, pouco produtivo*, como sugere Enrique Rojas, catedrático de Psiquiatria na Universidade de Madrid, “o homem de hoje esquece-

¹² *Ibidem*, p. 30: *Esse bom selvagem que se equiparava aos modelos da Antiguidade Clássica e mesmo do meio bíblico era um velho conhecido. A imagem mítica de um “homem natural”, para além da história e da civilização, nunca tinha sido apagada. Durante a Idade Média fundiu-se com o Paraíso terrestre que tentou tantos navegadores à aventura. A lembrança da Idade de Ouro fora uma ideia fixa na Antiguidade desde Hesíodo e Horácio divisava já entre os bárbaros a pureza da vida patriarcal (Odes, II, 24, 12-29). E ao persistir em todas as utopias e ideologias ocidentais até Jean-Jacques Rousseau, tal mito demonstra bem que o inconsciente ocidental nunca renunciou ao velho sonho de redescobrir a condição edénica, condição do homem centrado.*

*-se do motivo por que faz o que faz, e actua movido principalmente por circunstâncias que vão surgindo. Como se o urgente, por ser urgente, fosse mais importante do que o que é realmente importante; como se o seu tempo tivesse menos valor do que as coisas, quando o seu tempo é, realmente, a sua própria vida; como se o material e o externo fossem mais importantes do que o espiritual e o íntimo”*¹³.

O espiritual e o íntimo! Mas urbana, técnica e profundamente unilateral, a nossa sociedade é, sob múltiplos aspectos, profundamente esquizofrénica e, a maior parte das vezes, não é o indivíduo que está doente mas o conjunto de uma civilização que deliberadamente ignora as necessidades mais evidentes e naturais da psique humana. O caos intelectual e espiritual que se agrava coloca-nos perante uma tarefa similar à dos trabalhos de Hércules: cada um de nós deve procurar, pelos próprios meios, o seu *Centro*, o seu “deus” (ou o seu *Princípio*). Tal como Heidegger o proclamou numa brilhante comunicação, o homem deve, a partir de agora, fazer ele próprio a experiência da “abertura”. Tal necessidade, sentida de forma difusa por muitos, parece querer fechar uma era do espírito ocidental que fora iniciada com Platão e que sugere o regresso a uma forma de pensamento próxima dos filósofos gregos anteriores a Sócrates (aos quais se dava o nome de “físicos”) e para quem o interior e o exterior nunca estavam dissociados: procuravam compreender o homem não através de conceitos, mas utilizando imagens e meditando sobre elas, descrevendo as forças que o fazem nascer, o animam e conduzem ao seu termo, as forças que fazem mover corpo, espírito e alma e que se traduzem por meio de elementos que constituem o universo material – a água, o fogo, a terra e o ar.

Desses princípios cósmicos se alimentam ainda hoje os nossos sonhos e, consubstanciados nos *contos*, nas *lendas* e nos *mitos* do folclore universal, tais imagens sugerem a nítida tendência do inconsciente colectivo e individual para fabricar símbolos de totalidade, numa ânsia incontida, “malgré tout”, de transpor a brecha – que se foi perigosamente acentuando – entre a consciência e o inconsciente e que parece ter conduzido à desorientação do homem actual. Disperso na multiplicidade dos seus desejos, o indivíduo procura, avidamente, no *Centro*, mas de forma quase sempre invertida, a unidade do seu ser. “Fonte essencial, fonte de água viva, verdadeiro fundo vivo, sol interior”, o apelo do centro equivale à procura secreta da unidade. Já Plotino (cerca de

¹³ In Rojas, Enrique – *La ansiedad*, Madrid, Ed. Temas de Hoy, 1998, pp. 22/223 (tradução nossa).

205-270) o afirmava nas suas *Enéadas*: “Sempre que uma alma se conhece, sabe que o seu movimento natural não se processa em linha recta, pois sofreu um desvio; mas sabe que descreve um movimento circular em torno do seu princípio interior, em torno de um centro. Mas o centro é aquilo de onde procede o círculo. A alma, portanto, movimentar-se-á em torno do seu centro, isto é, em torno do princípio de onde ela procede”¹⁴. E que princípio é esse senão a *Unidade*, o imanifestado, *Centro* cósmico e ontológico – o Criador por excelência – lugar simbólico do ser, fonte e fim de toda a manifestação porque seu princípio activo?

O *Centro* equivale pois ao *Princípio*, à *Unidade*, cuja função unitiva e unitária, cuja dinâmica transformadora eleva o indivíduo, pelo conhecimento, a um nível superior de ser: sempre que a totalidade se unifica no *Um* e sempre que este se expande na totalidade, a atitude da consciência transformada pela experiência do numinoso permite então que o homem aceda à realidade ontológica: “Mas só as almas dos deuses se movimentam em direcção a ele [ao *Centro*], e por isso são deuses, pois tudo o que se acha unido a esse *Centro* é, em verdade, deus, ao passo que o que se acha afastado dele é o homem, o homem sem unidade, o homem animal”¹⁵. É que o desmoronamento e a “dissolução do eu” que constituem, hoje mais do que nunca, os fundamentos últimos da ansiedade (em que convergem o culto do superficial, a incapacidade para o sofrimento e o medo da morte, o mesmo é dizer da perda da beleza e a velhice) adiam, de forma quase irremediável, o (re)conhecimento de cada um de nós, tornados autênticos desconhecidos (para nós próprios e para os outros), numa desorientação estandardizada e alienante.

Jung dizia muito sabiamente que são os erros que nos proporcionam os fundamentos da verdade e que, quando ignoramos o que uma coisa é em si, já constitui um acréscimo de conhecimento saber o que ela não é. Ignoramos o *Centro* enquanto princípio, o real absoluto, a divindade enquanto “*Centro dos Centros*”. Apenas antevemos que o *Centro* simboliza a universalidade, a omnipresença, a ubiquidade, a totalidade, a ausência total de limites postulada não enquanto caos e perdição, mas antes enquanto núcleo de uma intensidade dinâmica, onde se condensam e coexistem as forças antagónicas. Ao mesmo tempo lugar da divindade transcendente e experiência total da individualidade humana, o *Centro* é movimento, “*energia contínua do uno em*

¹⁴ Citado por Jung, C. Gustav in *Aïon – Estudos sobre o simbolismo do Si-mesmo*, Petrópolis, Ed. Vozes, 1982, p. 209.

¹⁵ *Ibidem*.

*direcção ao múltiplo, do interior para o exterior, do não manifestado em direcção ao manifestado, do eterno para o temporal*¹⁶. Por isso, *nele procuram a unidade e o princípio todas as forças divergentes num processo de retorno e de convergência que está muito para além da centralização dos opostos e do equilíbrio dos complementos*¹⁷. Já Santo Agostinho afirmava que *Deus é um círculo cujo centro está em toda a parte e a circunferência em lugar nenhum*, salientando bem que a imagem do centro do círculo abraça a ideia de um absoluto divino ao passo que a do ponto representa a essência da própria interioridade do homem.

Todo o simbolismo do *Centro* (ao qual se adicionam os do *círculo*, do *quadrado*, da *cruz*, quaternidade na qual convergem os símbolos fundamentais de todas as tradições) reflecte pois a procura imemorial de um eixo centralizador que seja ao mesmo tempo lugar criador da experiência do transcendente, permitindo, em concomitância, que o indivíduo tenha um conhecimento interiorizado do próprio objecto e da sua experiência, daquilo a que Jung chama precisamente o “Si-mesmo”, o “Self”¹⁸. E se é verdade que aceder ao *Centro* do homem é atingir, aqui e agora, o ponto situado fora do tempo e do espaço e que constitui o nosso princípio e o nosso fim, fácil se torna subscrever as palavras de Jung para quem, precisamente, o arquétipo do ser individuado se confunde com a figura do homem que em si realizou a integridade original. Daí que os símbolos utilizados pelo inconsciente para exprimirem tal processo que conduz à individuação, sejam os mesmos que a

¹⁶ Artigo sobre o *Centro* in Chevalier, Jean; Gheerbrant, Alain – *Dicionário dos Símbolos*, Lisboa, Ed. Teorema, 1994, pp. 182/183

¹⁷ *ibidem*, p. 183.

¹⁸ Na sua obra *Psicologia e Alquimia*, Jung dá-nos uma expressiva definição do “Self”: *O homem natural não é um self – ele é massa e partícula na massa, colectivo a tal ponto que nem sequer tem a certeza do seu próprio ego. Por isso, desde tempos imemoriais, ele tem tido necessidade dos mistérios da transformação para transmutá-lo em algo e resgatá-lo da psique colectiva animal que nada mais é que uma confusão.*

Mas se rejeitarmos essa pluralidade insignificante do homem “como ele é”, seria impossível para ele atingir a integração, tornar-se Self (...). E isso equivale à morte espiritual (citado por Whitmont, Edward in *A busca do símbolo. Conceitos básicos de psicologia analítica*, p. 196). E o psiquiatra suíço conclui: *A vida que apenas acontece em e por si mesma não é a vida real; ela só é real quando é conhecida. Apenas uma personalidade unificada pode experimentar a vida, não aquela personalidade dividida em aspectos parciais, aquele monte de bugigangas que também chama a si mesmo “homem”* (*ibidem*).

humanidade desde sempre utilizou para exprimir integridade, plenitude e perfeição: são, em geral, símbolos quadrangulares e circulares.

A individuação (a unificação do consciente e do inconsciente na totalidade psíquica, símbolo do homem completo) é sempre uma estrada, um caminho, um processo, uma viagem ou labuta, um dinamismo, nunca um estado estático ou concluído. Por isso em todas as civilizações, *contos*, *lendas* e *mitos* mais não são do que trajectos circumambulatorios em torno de uma única realidade – o “Si-mesmo” –, reflectindo deste modo as estruturas psíquicas mais fundamentais do ser humano: não representa o *herói* (ou a *heroína*), afinal, aquela figura redentora e criadora que se encontra escondida dentro de todos nós e que apenas espera ser (re)conhecida e transformada em Vida? *Centro* do mundo, ponto umbilical através do qual as energias da eternidade irrompem no plano terreno, a figura heróica é pois um dos arquétipos mais fidedignos da criação contínua, integrando em si o mistério da manutenção do cosmos através do milagre renovado da vivificação que brota do interior de todas as coisas. Bem sucedido na caminhada iniciática, o *herói* transforma a sua demanda em alimento, energia e graça: a sua tarefa é a de transfigurar o mundo, insuflando-lhe a verdadeira vida que só o transcendente pode oferecer: “*As torrentes precipitam-se a partir de uma fonte invisível. O seu ponto de entrada é o centro do círculo simbólico do universo, o Ponto imóvel da lenda de Buda, em torno do qual, pode-se dizer, o mundo gira. Sob esse ponto, encontra-se a cabeça – suporte da terra – da serpente cósmica, o dragão, que simboliza as águas do abismo – a energia e a substância divinas, criadoras da vida, do demiurgo, o aspecto gerador do mundo do ser imortal. A árvore da Vida, isto é, o próprio universo cresce nesse ponto. Está enraizada na escuridão e sustentada por ela; o pássaro dourado do sol está empoleirado na sua copa; uma fonte, poço inexaurível, borbulha a seus pés. Pode-se também utilizar a figura de uma montanha cósmica (...) de um homem cósmico (...)*”¹⁹.

Afinal de contas, as várias representações simbólicas do “Self”, de que este breve excerto é um belo exemplo, são pois imagens que sugerem a totalidade ou inteireza – de um carácter psicológico ou de um carácter transcendental (infinito ou eterno) – e reproduzem também uma entidade central de ordem, espécie de *Centro* organizador, “núcleo atómico” de onde emana toda

¹⁹ In Campbell, Joseph – *O herói de mil faces*, São Paulo, Ed. Cultrix/Pensamento, 1997, p. 44.

a acção reguladora do nosso sistema psíquico. É também ele o inventor, o organizador ou a fonte das imagens oníricas. Ao longo dos tempos, a humanidade, por intuição, esteve sempre consciente deste *Centro*: os gregos chamavam-lhe *daimon*, o interior do homem; no Egipto estava expresso no conceito de *alma-Ba*; para os romanos ele identificava-se com o “génio” inato em cada indivíduo. E Marie-Louise Von Franz reconhece-o ainda hoje na figura do “Grande Homem” venerado pelos índios Naskapi que habitam as florestas da península do Labrador.

Simple caçadores vivendo em grupos familiares isolados, sem costumes, crenças ou cerimónias colectivas, tais índios só podem contar com os seus sonhos, com as vozes interiores que revelam o inconsciente: não têm mestres religiosos que lhes digam no que acreditar, nem rituais, festas ou costumes que lhes sirvam de apoio. Apenas têm esse “companheiro interior” a que chamam *Mista'peo*, o que significa “Grande Homem”, que habita o coração de cada um e que é um ser imortal. E porque dispensam atenção aos sonhos e tentam descobrir o seu significado, não só tornam mais íntima a relação com *Mista'peo* como, em retribuição, ele os auxilia, enviando-lhes novas directrizes: *“C'est pourquoi la principale obligation du Naskapi consiste à suivre les instructions que lui donnent ses rêves, et à donner à leur contenu une forme permanente dans l'art. Les mensonges, et d'une façon générale, le manque d'honnêteté éloignent le Grand Homme du royaume intérieur; l'amour du prochain et des animaux l'attire et lui donne vie”*²⁰. E Von Franz conclui: *“Ces rêves permettent aux Naskapi de trouver leur voie, non seulement dans le monde intérieur, mais aussi dans le monde extérieur de la nature. Les rêves leur permettent de prédire le temps, et leur donnent des informations inestimables sur la chose dont dépend leur subsistance. J'ai parlé de ce peuple très primitif parce qu'il n'a pas été contaminé par nos idées civilisées, et qu'il a encore une intuition naturelle de l'essence du Soi”*²¹.

É pois dessa intuição inata da essência do “Si” junguiano que nos falam as múltiplas figuras que, na quase totalidade das tradições e religiões, representam o arquétipo do “Si-mesmo”, do “Self”. Podem ser, segundo Whitmont, de dois tipos: imagens ditas “abrangentes” cujas formas circulares, quadradas, cúbicas ou esféricas apontam para um simbolismo infinito e eterno, sublinhando, como já vimos, a unidade e a totalidade dos processos psíquicos.

²⁰ Cf. Von Franz, Marie-Louise, “Le processus d'individuation” in *L'homme et ses symboles*, pp. 158-229. A citação é das páginas 161/162.

²¹ *Ibidem*.

Por exemplo, a uroboros, cobra ou dragão que come a própria cauda e assim se devora a si mesma; a fénix, que morre no fogo que choca o ovo do qual irá surgir um novo pássaro; a figura do diamante ou do cristal indestrutível, do tesouro incalculável, da pedra polida no fundo de um rio, da água da vida que brota de uma fonte eterna, do elixir da imortalidade que exige uma busca difícil e perigosa, de uma peregrinação aos cumes da montanha sagrada, da procura da “pedra filosofal” que, em termos alquímicos, transforma todas as substâncias comuns (vis metais) em ouro.

As segundas são as imagens ditas “centradas”, consubstanciadas nas figuras imemoriais da esfera radiante, da roda, da cruz, do relógio do mundo, da estrela-guia (estrela polar ou estrela de Belém), do labirinto, da espiral, das mandalas, imagens que apontam sobretudo para a relação íntima entre a característica humana da integridade, da “complétude”, da realização total e a existência de um *Centro*, de um núcleo directivo central responsável por todo o processo de individuação, expressão última da espiritualidade que leva à iluminação, o mesmo é dizer, ao homem novo. Não resistimos a incluir aqui uma passagem de um livro de José Moratiel que, de uma forma simples e bela, acentua, uma vez mais, a importância desse “omphalos”, desse umbigo que, individual e colectivamente, é o eixo em torno do qual se exprime toda a nostalgia do ventre da Terra-Mãe, a saudade criativa de um regresso às origens da harmonia e do equilíbrio entre o ser humano e o mundo: “*O segredo da arte do oleiro é atribuir um Centro de gravidade a tudo o que faz e, a partir desse centro, tudo o que faz nos deleita com a sua delicadeza e formosura. A partir dele, a vasilha ganha harmonia. Tudo tem o seu eixo. Um eixo deslocado seria a ruína da obra. Tudo no cosmos é harmonia e equilíbrio. O cosmos vive em equilíbrio. Baila e dança com o seu equilíbrio próprio. Diz-se que o sol é o centro. O broche de ouro da criação. O centro não se vê, mas tudo gira e se move graças a ele.*”²² E se é certo que podemos antever, nesta bela imagem do trabalho artesanal do oleiro que procura, antes de tudo, o eixo para a sua ânfora, o símbolo da construção da nossa individualidade autêntica, só conseguida quando nos conseguimos “centrar”, quando perseguimos o “eixo” do nosso ser, a nossa coluna vertebral, o “centro” que nos permita – efectivamente – entrarmos na posse de nós próprios sem oscilarmos ao sabor das circunstâncias exteriores e de desejos à deriva, também não é menos verdade que certas figuras, mormente as *mandalas*, têm vindo a privilegiar, nas suas múltiplas variantes, a confluência do divino e do humano ao

²² In Moratiel, José, *O poder do silêncio*, São Paulo, Ed. Paulus, 1997, p. 22.

longo de toda a história da humanidade, evocando – para cada um – o caminho a seguir para que o “*Centro*” se realize em nós.²³

Já foi observado que, de uma forma universal, o *círculo* é o arquétipo de tudo o que é celeste (céu, deus, alma, a própria psique que já Platão representava enquanto esfera). Também Jung demonstrou que o círculo é a imagem arquetipal da totalidade psíquica, o símbolo do “Si”, enquanto o *quadrado* representa a matéria terrena, o corpo, a realidade visível.²⁴ Por isso o psiquiatra de Zurique vai recorrer à imagem da *mandala* (literalmente, um círculo) para representar simbolicamente, – tal qual nas tradições orientais, sobretudo hindu e tibetana – a totalidade psíquica cuja essência nos é desconhecida. Embora de desenho complexo e muitas vezes inscrita numa muralha quadrada, a mandala tradicional hindu aponta para o espaço sagrado central (altar, templo) onde reside Purusha, a Presença divina no *Centro* do Cosmos. Daí o quadrado subdividido em quadrados mais pequenos (os mais simples com 4/9 casas, os mais complexos com 61/81 casas!), cujos alinhamentos concêntricos se relacionam com os ciclos solar e lunar. No *Centro*, o lugar de Brahma, a divindade suprema. Utilizadas na filosofia oriental ainda hoje, tais imagens são usadas “*pour consolider l’être intérieur ou pour favoriser la méditation en profondeur. La contemplation d’un mandala est censée inspirer la sérénité, le sentiment que la vie a retrouvé son sens et son ordre.*”²⁵

²³ Reflectindo sobre o simbolismo mandálico, Gilbert Durand assimila-o à procura de uma intimidade no labirinto iniciático e afirma: “*Jung et son commentateur Jolan Jacobi ont particulièrement insisté sur l’importance universelle du symbolisme du Mandala. Ils retrouvent des figurations semblables à l’image tantrique tant dans la tradition occidentale, chez Jacob Boehme par exemple, que chez les primitifs de l’époque néolithique ou chez les Indiens Pueblo, tant dans les productions graphiques de certains malades que dans l’onirisme du psychisme normal. Les deux psychanalystes reconnaissent dans ces multiples interprétations du Mandala le symbolisme du centre, symbole que renforce encore une fréquente figuration florale.* In *Les structures anthropologiques de l’imaginaire...*, p. 282.

²⁴ Não resistimos a reproduzir as considerações finais de Aniela Jaffé numa importante reflexão que consagra ao “*Symbolisme dans les arts plastiques*”: *Dans la plus grande partie de l’art moderne, la relation entre ces deux formes primaires [cercle e quadrado, pois] n’existe pas, ou bien de manière lâche et accidentelle. Leur séparation est une autre expression symbolique de l’état psychique de l’homme du vingtième siècle. Son âme a perdu ses racines, et il est menacé par une dissociation psychique.* In *L’homme et ses symboles...*, p. 249. No entanto, o facto de estas duas formas surgirem, ainda assim, em certos quadros abstractos do nosso tempo, parece significar não só os germes de um novo renascimento psíquico mas ainda a constância de uma necessidade psicológica que investe, desde tempos imemoriais, estas duas figuras que concentram, em si, dois vértices fundamentais da existência.

²⁵ Artigo sobre a *Mandala* in Chevalier, Jean; Gheerbrant, Alain, *Dictionnaire des Symboles* (vol. III). Paris, Ed. Seghers, 1973, pp. 177-179. A citação é da página 179.

Daí que, observadas com frequência nos sonhos do homem moderno que, muitas vezes, ignora quase tudo acerca das tradições religiosas, as *mandalas* (ao mesmo tempo representações espaciais, “*imago mundi*” e testemunhos dos poderes divinos) pareçam representar, pelas suas formas circulares, a integridade natural (do homem e do cosmos) e nas suas formas quadradas a tomada de consciência dessa integridade: ao simbolizar uma eminente tomada de consciência do centro, a *mandala*, na sua dupla função estimuladora e criadora, aponta ou para a conservação de uma ordem psíquica – no caso de ela já existir – ou para o seu restabelecimento, se o indivíduo a tiver perdido.

Com efeito, imagem psicagógica (pode conduzir aquele que a contempla à iluminação), suporte de meditação e guia para rituais de iniciação, não é raro que no tantrismo, por exemplo, a figura mandálica se veja representada por um quadrado com quatro portas, encerrando círculos e lótus, numa profusão de símbolos e imagens divinas, onde a cada porta exterior corresponde um guardião que representa um degrau iniciático, numa série de rituais de passagem a que parece corresponder cada etapa da progressão espiritual do neófito, visando, em último fim, a integração do ser no Todo e o Todo reintegrado no ser. Não é de forma arbitrária que, como refere Marie-Louise Von Franz, a estrutura típica dos *contos de fadas* se articula quase sempre em torno de uma viagem que sugere uma expansão contínua e uma totalidade em “*crescendo*”, ordenada tal qual uma *mandala* já que, como iremos ver, não raro o *herói* (ou a *heroína*) regressa ao ponto de partida mas já tendo atingido – mercê de todo um processo probatório – a maturidade espiritual.

Mas se o simbolismo do *Centro* encontra na imagem mandálica um dos expoentes mais universais da união transformante entre o humano e o divino, perseguida por todos os místicos (pensamos no *Cântico Espiritual* e na *Chama Viva de Amor* de São João da Cruz, por exemplo), numa ascensão contínua para a transcendência absoluta, a estrada para esse *Centro* não é, de modo algum, rectilínea. Muito pelo contrário: a descoberta do “*Si-mesmo*” enquanto estado de interioridade e de unificação, reduto de equilíbrio e de maturidade psíquica que se confunde com os paradigmas da serenidade e da paz, da total disponibilidade e abertura aos poderes sobrenaturais incarnados em cada homem, pressupõe sempre a experimentação dolorosa dos contrários, a experiência das forças antagónicas que se degladiam no íntimo de cada um de nós e que equivalem aos múltiplos confrontos com etapas de uma aparente perda. O percurso é pois espiralar e labiríntico já que equivale à limpeza dos

estábulo de Áugias do nosso inconsciente individual e colectivo. Lima de Freitas no seu livro *O Labirinto* sintetiza-o, com particular acuidade: “*O típico do labirinto, como símbolo, é que ele parte de um espaço desorientado (e desorientante), no qual o homem é lançado de entrada, e retraça a sua gradual aproximação de um centro que deve ser redescoberto – justamente porque foi esquecido – como um processo difícil de reconquista da consciência.*”²⁶ E logo de seguida acrescenta: “*Trata-se, em suma, de progredir do esquecimento à memória, de caminhar a partir de uma periferia descentrada, onde toda a medida se tornou arbitrária por ausência de referências ou coordenadas absolutas, em direcção a um fulcro que restitua o “centro”, o “pólo norte”, à proximidade diluviana dos espaços.*”²⁷

Figuração suprema das provas iniciáticas, o *labirinto*, que representara nos primórdios o palácio cretense do rei Minos donde Teseu só pôde sair ajudado pelo fio de Ariana, é imagem sinuosa, complexa e difícil de uma encruzilhada de caminhos, muitos deles sem saída alguma, através dos quais cada um de nós tem de se orientar se quiser atingir, um dia, o *Centro* precioso e sagrado que incarnará a totalidade da Consciência, num retorno ao âmago do ser e num acesso aos estados superiores. Por isso o percurso do *herói* é sempre labirintico: passagem das trevas à luz, do vazio à plenitude, do superficial ao profundo, mas, sobretudo também, vitória do espírito sobre a matéria, do eterno sobre o efémero e caduco, da razão clarividente sobre o instinto primitivo, do saber intuitivo sobre as emoções à deriva. Por isso, como afirma Joseph Campbell, ele é em tudo o homem da submissão auto-conquistada.

A exploração da nossa natureza, de forma a que tenhamos acesso à realização interior, é aquilo a que Jung chamou o *caminho da individuação*. No início, há sempre um sentimento de insatisfação, de mal-estar, de inquietação, que pode assumir, não raras vezes, em termos psicológicos, as roupagens de um estado depressivo que questiona os valores até então cultivados ou até mesmo a dimensão sofrida de um divórcio entre a realidade interior e o mundo exterior e que cria uma angustiante dificuldade face à existência. As crises a que pode levar o confronto com as energias profundas são, de facto, temíveis e, a menos que o indivíduo se deixe orientar por um “guia”, estando pois atento ao seu inconsciente e às mensagens (sonhos, por exemplo) que este lhe envia e que actuam paralelamente com as sincronicidades do quotidiano – aparecimento e multiplicação de coincidências significativas que ordenam a

²⁶ In Lima de Freitas, *O Labirinto*, Lisboa, Arcádia, 1975, p. 259.

²⁷ *Ibidem*.

vida em torno de um eixo misterioso (Mme Guyon, nos seus *Opuscules Spirituels* diz que "*Le centre a toujours une vertu attirante très forte; et plus le centre est éminent et spirituel, plus son attrait est violent et impétueux, sans pouvoir être arrêté.*"²⁸) – ser-lhe-á impossível a descida à caverna dos tesouros, a descoberta do fio de uma Ariana protectora, único elo a permitir a passagem do exterior para o interior, da periferia para o centro, num movimento de regresso que nos conduz, em plena consciência, ao ponto do qual partiu a existência, quando estávamos completamente inconscientes. Étienne Perrot dirá, com toda a clarividência: "*Il faut faire face à la vie, quitte à s'apercevoir, le cas échéant, que la pression intérieure exige que l'on sacrifie les perspectives communes et que l'on accepte des chemins étranges, à l'issue imprévisible*"²⁹ E acrescenta: "*Une attitude inverse n'est pas exempte de peur et de désir d'évasion, et il est frappant de constater que bien des fois l'attrait du domaine spirituel ou occulte s'accompagne d'une fuite devant les problèmes concrets, personnels, ce qui est mettre la charrue devant les boeufs.*"³⁰

Nunca devemos esquecer que, no caminho labiríntico que é o nosso, a tarefa essencial consiste – se queremos regressar a nós próprios – em estarmos atentos ao mestre interior (o Inconsciente) que nos prodigaliza as suas orientações pela voz dos sonhos, quantas vezes transformados e continuados nos *mitos*, nos *contos* e nas *lendas* universais! Os Antigos sabiam-nò, tanto os latinos como os celtas, quando davam aos seus inspirados o nome de Vates e de Ovates, o que significa "dotados de grandes orelhas". É o que explica a presença na galeria de personagens que ornamenta o tímpano da porta principal da basílica de Vézelay, de homens com orelhas desmesuradas: tais figuras não são senão Vates. Entrar no labirinto é então abrir os olhos e ouvidos a um processo que se desencadeia no interior de cada um, ao decidirmos colocar, no primeiro plano das nossas preocupações, o exame interior com vista à realização do "Si". Os alquimistas exprimem-no pela imagem do atamor que se constrói e fecha sobre si mesmo, do fogo que se acende ou da roda de Mercúrio que se coloca em movimento: Mercúrio é a energia psíquica. A sua roda é a corrente psíquica criada pela atenção que se presta aos fenómenos interiores. Na linguagem religiosa falar-se-á em *conversão*, palavra que significa *regresso*. É o "fogo secreto" dos hermetistas que faz passar a pedra do

²⁸ Citada por Perrot, Etienne no seu livro *La voie de la transformation*, Paris, La Fontaine de Pierre, 1980, pp. 104-105.

²⁹ *Ibidem*, p. 102

³⁰ *Ibidem*.

negro ao cinzento e depois ao branco: em termos psicológicos, o agente da obra é a luz transformadora do “Si”, o calor que permite trazer à superfície a face escura de cada um de nós, transmutando e integrando a matéria prima que reside no húmus sombrio.

É um caminho lento e inesperado aquele que o *herói* das narrativas maravilhosas deve trilhar antes de conquistar um reino, casar com o seu par, vencer o monstro que devora o país, encontrar o tesouro oculto, recuperar a vida para o rei(no) moribundo... Assim como os sábios chineses colocavam a conduta do homem fiel às sugestões da vida sob o reino da espontaneidade, da simplicidade e da inocência – da disponibilidade total face à mutabilidade do inesperado – também a figura heróica dos contos se transforma em símbolo evidente do ser gerido por uma energia criadora, capaz, pela sua infinita riqueza, de quebrar todos os esquemas, de arruinar todos os preconceitos, de recorrer aos meios mais insólitos.

Nesta busca do Graal que é (ou deveria ser) a vida de cada homem, um momento surgirá em que, integrada a *sombra*³¹, realizado em cada um o arquétipo do *andrógino*, numa fusão do *animus* e da *anima*³², a paz do centro se antevirá naquele que, à custa de mil fracassos e outros tantos sucessos, tiver sabido realizar em si a união dos opostos. Vivida como as duas faces inseparáveis da unidade, a “*conjunctio oppositorum*” é, para o ser individuado, pura e autêntica visão, dom conciliatório onde se unem, numa aceitação e integração plenas, corpo e espírito, emoção e razão, luz e escuridão, vulnerabilidade e força, feminino e masculino, morte e ressurreição. Surge então uma

³¹ A *sombra* é, juntamente com o *self*, a *anima* e o *animus* (respectivamente a componente feminina e a componente masculina da psique humana), um dos principais arquétipos do inconsciente colectivo segundo a psicologia das profundidades. Pode ser pessoal ou colectiva. Com efeito, cada um de nós contém um Dr. Jekyll e um Mr. Hyde: uma *persona* (máscara) agradável para o quotidiano e um “eu” oculto e nocturno que permanece amordaçado a maior parte das vezes: emoções e comportamentos negativos (inveja, orgulho, raiva, falsidade, violência, lascívia, etc, etc) ficam escondidos e irrompem a cada passo impulsiva e inesperadamente, porque não foram compreendidos e, logo, integrados. Além disso, jornais, televisão e, de uma forma geral, os mass-média, confrontam-nos sem cessar com a *sombra colectiva* ou seja, com o lado escuro da natureza humana, cujo poder hipnótico e natureza contagiante se tornam evidentes na extensão e universalidade das perseguições raciais, nas guerras étnicas e religiosas, em todas as buscas – e elas são permanentes – de bodes expiatórios!

³² Cf. o nosso trabalho publicado na *Revista Intercâmbio* do Instituto de Estudos Franceses da Universidade do Porto (N.º 9), Porto, Fundação Eng. António de Almeida, 1998, intitulado “Os Contos de Fadas e os Valores do Eterno Feminino: algumas reflexões” (pp. 213-258)

modificação na atitude vital: o indivíduo dá-se conta, cada vez mais, de que os contrários não voltam a separar-se, que no sucesso ficamos sempre conscientes da derrota possível, que na alegria não esquecemos o sofrimento, que morte e nascimento são indissociáveis. Não se trata de impossibilidade, indiferença ou sequer resignação, mas de uma flexibilidade muito grande, de uma disponibilidade constante, que torna o homem apto a deixar – se conduzir pelo *Centro*, pela consciência: *“L’homme sage est celui qui reconnaît les germes; il est en mesure de saisir ce qui se déroule derrière l’écran des apparences, dans l’inconscient; il peut donc avoir une action sur les événements et leur donner un tour meilleur ou une expression créatrice”*³³ E Marie-Louise conclui: *“Étant en relation avec le monde invisible qui soutient la manifestation, il peut agir à temps. On retrouve la même idée chez l’alchimiste qui s’unit à l’“unus mundus”, à la totalité des constellations archétypiques cachées derrière la réalité. Il les connaît, il est en relation immédiate avec elles: là est la source de l’énergie qui lui confère une influence créatrice sur le déroulement de l’avenir”*³⁴.

Depois de ter vivido experimentalmente a imperiosa necessidade do retorno à unificação, depois de ter compreendido que a unificação individual responde à unidade cósmica universal, o cavaleiro do Graal é impelido a procurar a própria *Unidade*, a unidade original, criadora do universo e dos homens. Partindo do discordante, do desviado, do múltiplo, reencontra a harmonia; partindo do imanente, é conduzido ao transcendente que lhe subjaz. No caminho até ao *Centro* vive rodeado de símbolos do “Si-mesmo”, chamados “símbolos de reconciliação”, justamente porque operam uma síntese harmoniosa dos opostos em que a dispersão da psique e a sua fixação unilateral dá lugar à recentralização unificadora: *“O centro, deste modo, confere ao labirinto todo o seu sentido iniciático. Pelo centro se inicia a resolução do labirinto, a sua transformação em mandala. Pelo centro, a cidade dos homens comunica com a cidade celeste do “fim dos tempos”*” dirá, em síntese, Lima de Freitas.³⁵

Como é fácil reconhecer, *contos*, *lendas* e *mitos* falam quase sempre de uma peregrinação em direcção ao *Centro*, da função iniciática das provas e

³³ In Von Franz, Marie-Louise, *La femme dans les contes de fées*. Paris, La Fontaine de Pierre, 1980, pp. 219-220.

³⁴ *Ibidem*.

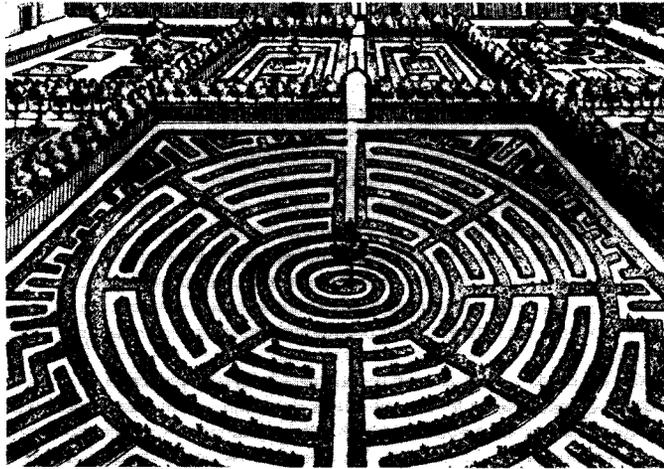
³⁵ In Lima de Freitas, *O Labirinto*, Lisboa, Arcádia, 1975, p. 259.

As imagens reproduzidas na parte final deste trabalho são extraídas deste belo livro.

dos sucessivos encontros. Apenas o *herói* (ou a *heroína*), aquele (ou aquela) a quem foi dado ler e decifrar a multiplicidade das sendas trilhadas, das vicissitudes sofridas, aprenderá a conhecer a direcção e a significação da viagem, o seu sentido de ruptura ontológica. Só esse (ou essa) saberá tomar plena consciência do valor sagrado da sua ascensão, numa reconciliação que reconhece e ultrapassa todas as dualidades destrutivas: o “pathos” da deriva, não esqueçamos, contém as sementes da cura e da transformação. Se a Fénix sempre renasce das suas cinzas, se as sarças ardentes falam quando todas as esperanças estão perdidas, se o cego Édipo acaba por se tornar o respeitado sábio conselheiro de Atenas, se o santo Graal é, afinal, recuperado, e o Rei Pescador e o reino desolado são curados, é porque o *Centro* foi procurado. Por isso se deixou encontrar.³⁶

Maria do Rosário Pontes

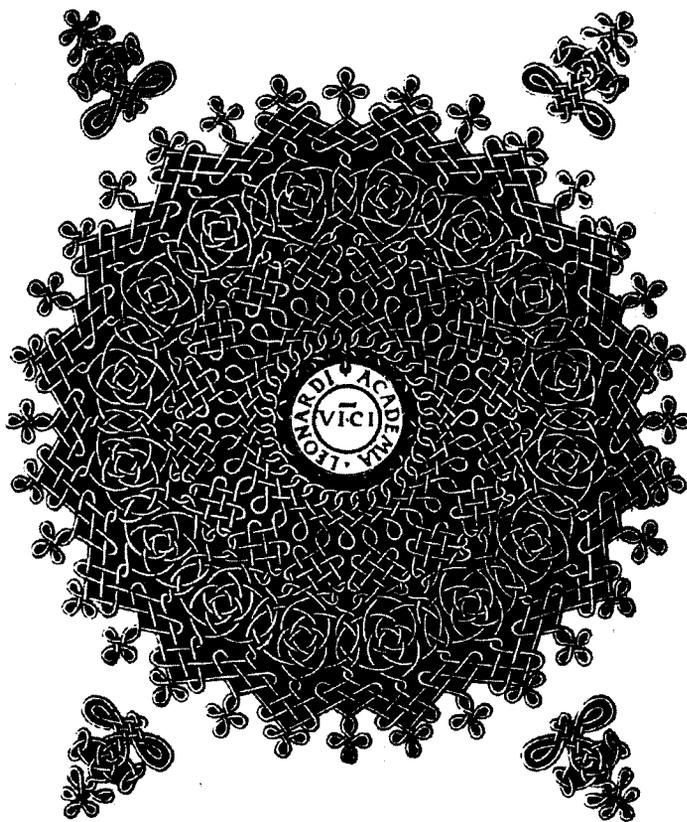
³⁶ *La découverte de l'inconscient est, à notre époque, l'une des plus grosses de conséquences. Mais du fait que reconnaître sa réalité implique un examen honnête de soi-même et une réorganisation de sa vie, beaucoup continuent à se comporter comme si cette découverte n'avait pas eu lieu. Il faut beaucoup de courage pour prendre l'inconscient au sérieux, et pour affronter les problèmes qu'il pose. La plupart des gens sont trop indolents pour réfléchir profondément même aux aspects moraux de leur comportement conscient. Et ils sont à coup sûr trop paresseux pour s'inquiéter de l'influence qu'a sur eux l'inconscient.* Von Franz, Marie-Louise, “Le processus d'individuation” (pp. 158-229), in *L'homme et ses symboles*.... A citação é da página 176.



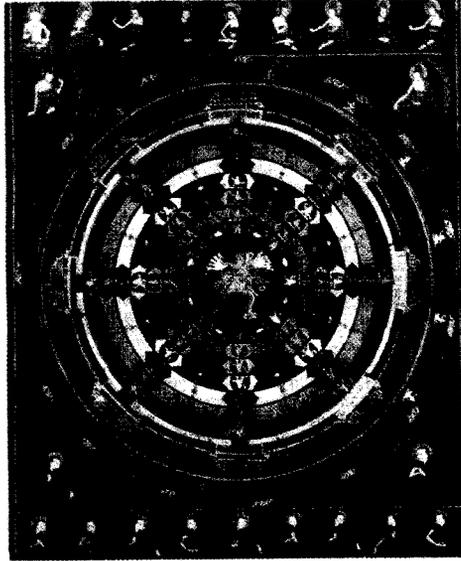
Jardim labirintico
de Hans V. de Vries (1583)



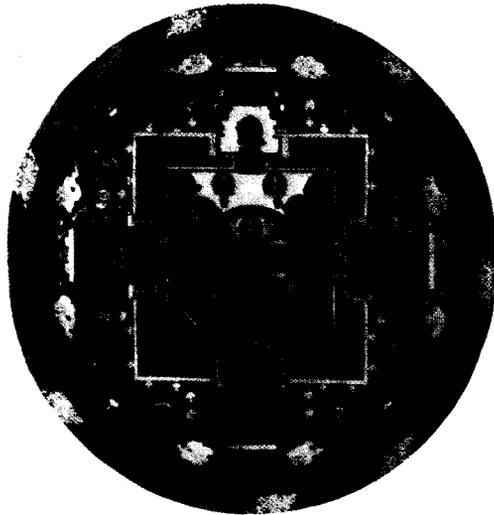
As Muralhas de Jericó
(segundo manuscrito Hebreu)



*A Concatenação
de Leonardo da Vinci*



Roda do Tempo
Escola de Ngor (de um rolo de meditação)



Mandala indo-tibetana